

QUARTA-FEIRA
Lisboa--8 de Abril de 1931

5000 LITROS
DE VINHO

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

2555
Alvarer

sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57



--Então tu julgas que eras capaz de dirigir um jornal? O que fazias, se te aparecesse um artigo muito grande?
--Era muito simples: aumentava a tiragem até caber...



Os ditos da semana



Primavera Parece que chegou efectivamente a primavera.

Ja se pode, pelo dia sair a rua sem sobretudo. A noite porém, não é prudente faz-lo porque esta deliciosa estação parece-se muito com a do Rocio: é cheia de correntes de ar e tem avença com os medicos.

Na forma do costume, logo que a primavera começa a vestir as arvores, as mulheres começam a despir-se. Já se veem braços nus pelas janelas, como prenuncio daquilo que daqui a dois dias se ha-de ver nas praias. Quer dizer: as mulheres ja estão começando a deitar os bracinhos de fora. E a primavera tam-bem.

Os canarios Braz de Oliveira, ratonceiro e agres-sor impenitente, de acordo com Antonio Silva, o «Canario» serrou as grades da cadeia de Guimarães e, para se vingar da amante que o substituiu por outro, foi procura-la a casa e esfaqueou-a. Executada a proeza, voltou para a prisão. O «Canario», porém, recordando-se de que os passaros que togem, raramente voltam á gaiola, nunca mais apareceu.

E assim continuou o Braz a ser um malandro e o Canario a ser um canario.

Mas os canarios nem sempre são assim.

O nosso barbeiro, aqui mesmo ao pé da porta, na T. dos Fieis de Deus, tambem tem um canario. Discipulo dileto do dono, enquanto ele escanhôa os queixos dos treguezes o canario escanhôa a alpista do comedouro. Este, porém, ao contrario do de Guimarães não se lembra de que é canario e, quando o barbeiro lhe abre a porta e lhe dá algumas horas de liberdade, acaba sempre por voltar a gaiola: mas ha dias talvez porque este delicioso sol de primavera lhe fizesse ferver o sangue, raspano se para a rua e andou veraneando pelos telhados visinhos, mostrando especial predilecção pelos algeoz, onde ainda restavam algumas gotas das ultimas chuvas.

Tinhase a impressão de que o canario resolvera ir para ali a banhos. Juntou-se gente, fuzilaram comentarios, cho-veram conselhos e o barbeiro sempre com um sorriso tão amarello como o canario fugitivo, mostrava-se apreen-sivo:

—O diabo é que o animal

não conhece a porta da loja pelo lado de fóra... Como ha-de ele saber onde ha-de entrar?...

Foi então que um ardina dos jornais um garotinho de sete ou oito anos, destes que tem lume no olho, resolveu o problema:

—Olhe lá, oh sr. barbeiro, voce-mecê diga-lhe que o numero da porta é 72 e daqui a bocado o bicho lá está.

O barbeiro diz que não accitou o conselho, mas o tacto é que o canario voltou para a gaiola. Mas nós temos duvidas. Se o barbeiro efectivamente lhe não disse nada, então é certo que o canario ouviu o conselho do garoto.

Não haverá garotos de jornais em Guimarães?

Calendarios O «Fixe» recebe todos os anos diversos calendarios-reclames. Agora mesmo acaba de chegar-nos um, brinde do sr. Manoel A. F. Calado e C.^a Lda, com uma alegoria ao «Comercio do Oriente», no tempo das caravelas. Agradecemos a gentileza e aproveitamos a ocasião para fazer uma prevençao ao comercio. O «Fixe» agradece sempre estas gentilezas mas a insistencia manifesta em nos enviarem de preferencia calendarios pa-

rece piada. Nós sabemos muito bem ás quantas andamos. O sr. Calado tem, por exemplo, drogas, tintas, vernizes, productos quimicos e otimas pertumarias, alem de varias medalhas de diferentes exposições e só nos manda calendarios. Ora nós bem sabemos que hoje são 8 de abril, só não sabemos a que cheiram as suas perfumarias. Destape o frasquinho sr. Calado.

Mais vale tarde O sr. José Teixeira Roque, nosso assignante da Poca-riça escreveu-nos no dia 5 de Abril de 1929 —faz agora dois anos— a seguinte carta:

POCARIÇA, 5-4-929.

A Redacção do «Sempre Fixe» LISBOA

Como não recebi o vosso jornal de 28 de Março p. ou seja o n.º 149 pedia o favor de me enviarem e para isso junto 500 —visto fazer-me falta para a collecção.

Sei mas muito Obrigado

José Teixeira Roque (assinante)

Escrita ha dois anos, só hoje nos chegou ás mãos. É tão velha, tão antiga esta carta, que a nota de 50 centavos que trazia, já hoje não corre. E não admira que não corra, porque os velhos difficilmente

teem pernas para grandes corridas.

E uma coisa agora nos ocorre. Dar-se ha o caso que esta demora de dois anos, para vir da Poca-riça a Lisboa, seja devida á pobre nota ter vindo a pé, tanto mais que ela, se não corre, é porque está com certeza cançada?

Anuncios Do nosso infalivel e habitual torcedor recortamos este anuncio:

PAPAGAIO

Fugiu, verde, pede-se o favor de entregar na Rua Bernardim Ribeiro, 95, onde será gratificado.

Parece-nos inutil procura-lo. O papagaio fugiu porque quiz, porque resolveu fugir, porque não estava para aturar o dono, porque não gosta da R. Bernardim Ribeiro. Se se tratasse doutro bicho qual-quer podia admitir-se que se tivesse perdido, mas um papagaio nunca se perde, ou muito pouco sabe a Sabedoria das Nações que diz que quem tem boca, isto é, quem tem fala vai a Roma. E o papagaio, se se visse atrapalhado, ia perguntando o caminho aos policias, até chegar a casa.

Em todo o caso ha uma coisa a ponderar: o final do anuncio. Se o bicho lhe consta que, voltando ao lar, será gratificado, não só se apresenta imediatamente, como ha-de custar muito a conserva-lo em casa. Ha-de fugir todos os dias para fazer jus a novas gratificações, que os papagaios são muito interesseiros. Um conhecemos nos que, para comer banana todos os dias, até aprendeu gramatica.

sempre
fixe

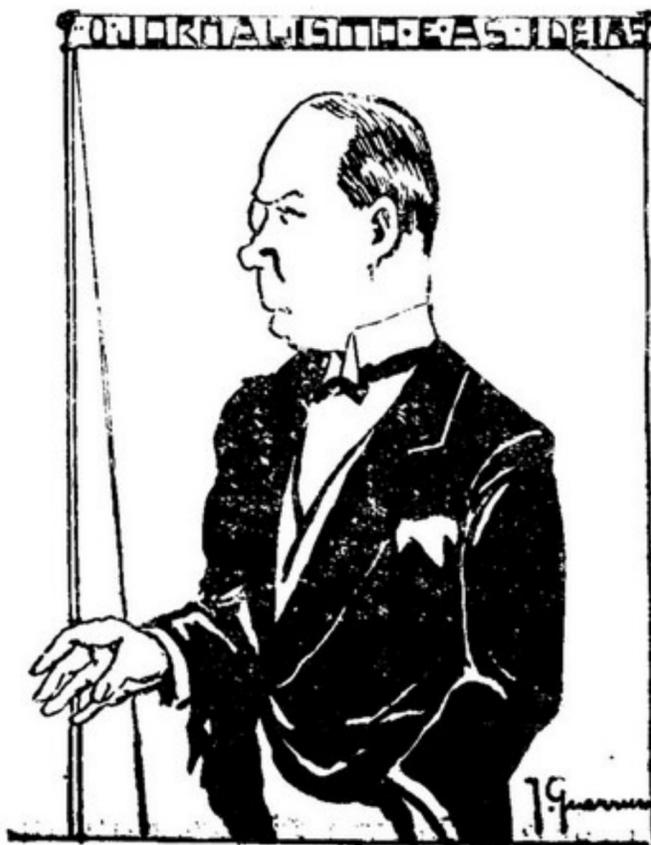
Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e Ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Extranjeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto, agora, é por tabela.

DR. J. AQUIM MANSO



«Sempre Fixe», no momento em que o nosso «Diario de Lisboa» completa 40 anos de sua brilhante existencia, 4000000 seu illustre director sr. dr. Joaquim Manso, toma a repubblica da «tela» que é, como a do nosso semanario, «sempre fixe».

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

NUMA revista em scena ha uma copla com este bocadinho de oiro:

.....
São fiores contorcidas...

Ora nós, com torcidas, só conhecemos os candieiros de pitrol...

■ ■ ■

ADELINA Abranches reapareceu ao publico lisboeta, interpretando o *Fiel Amigo*, onde ela dá algumas homericas cambalhotas.

Diz-se que a grande actriz, na noite da sua festa, ao vr o Avenida chelo, depois duma semana de «perdizes», teria exclamado:

— O publico, sim, é que é o meu fiel amigo!

Si non es vero!...

■ ■ ■

NO proximo sabado, o Nacional abre ao publico com o original português *O Milhafre*.

Como é um curioso abutre, é possível que o publico vá agora ao teatro, pelo menos, como se fósse ao Jardim Zoologico... a ver bichos!...

FOI remodelado o *Tareco*, razão porque o Variedades regista consecutivas enchentes.

Escusado será dizer que o *Emauz* continua a fazer de gato e a comer o seu carapausinho...

■ ■ ■

A actriz Lucilia Simões reaparece, brevemente, interpretando *A Carta*.

Vamos escrever-lhe para a posta restante: «Felicitações. Um abraço!»

■ ■ ■

AFINAL, o Erico Braga não abandona a arte dramatica, nem sequer o jornalismo, muito menos ainda a direcção do Gremio dos Artistas.

Tudo boatos! C Erico continua a ser Erico — mesmo quando faz fitas como o *Vê e Amar*... mas não acreditar!...

■ ■ ■

QUANDO sobe a scena, no teatro da Trindade, a *Hora do Dinheiro*?

Estará a companhia rica para

deixad fugir um original português assinado por Vasco de Mendonça?

■ ■ ■

ANUNCIA-SE que vai para o Avenida uma organização de revista, tendo á frente uma vedeta ultimamente muito discutida.

Se não é a Luiza Satanela, é o diabo por ela. Dizem-nos que um dos papeis que vai interpretar é o de «Abandonada»...

■ ■ ■

CONSTA que o actor Estevão Amarante, no proximo inverno, entra na companhia Lucilla Simões.

Se assim for — ainda teremos muito que ver. Volta-se sempre aos primeiros amôres!...

■ ■ ■

HA quem diga que veremos brevemente representar em Lisboa uma *divette* estrangeira.

Anda por ai tanto artista desempregado, que não é para admirar. Talvez assim se resolva a crise do desemprego e nós aprenda-

mos a falar português, talvez, em espanhol.

■ ■ ■

ANUNCIA-SE o *Verde Gaio*, num dos teatros do Parque Mayer.

Vamos lá ver e ouvir como canta o passarinho. Cuidado com as figsadas da critica. Comnosco não se importem, que temos bem coraçã

■ ■ ■

DURANTE a Semana Santa, os teatros estiveram de jejum, apesar dos dramas biblicos.

Mais dolcrosos que o Calvario!

■ ■ ■

CASOU-SE o *Meu Menino*, que não é outro que o Vasco Sant'Ana. Parabens e juizinho!...

■ ■ ■

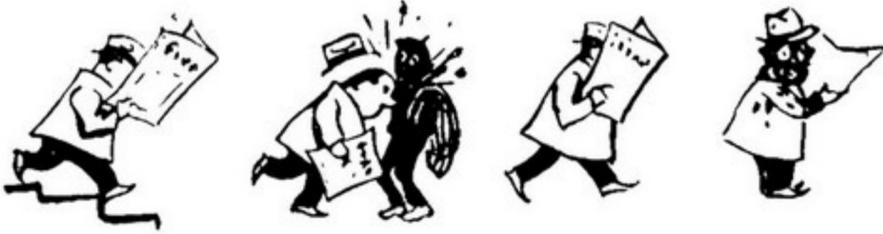
ESCULAPIO e Carlos Ferreira traduziram uma peça espanhola com o titulo *O Nosso Homem*.

Será mais um salvador da Patria?...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.



A formidavel peça da guerra teve no Politeama um «fim» tão prematuro como *Impresario*. O publico desertou lamentavelmente do seu posto, tomando as filas de comodas «fauteuils» por perigosas linhas de fogo. Imaginaria que, dado o rigor da montagem, até os gazes asfixiantes eram autenticos?



Historia muda, mas sonora

Graça dos outros

Na rua:
A bemfeitora, dando esmola: — Porque não procura uma colocação?
O mendigo: — Impossível, minha senhora! Não vê que tenho sempre que fazer?...

★ ★ ★

A senhora: — Já me disseram que tens um novo irmãosinho. Como se chama?
Joanito: — Não sei! Não entendo nada do que ele diz...

★ ★ ★

No consultorio medico:
O surdo: — Quanto lhe devo?
O medico: — Quarenta mil réis!
O surdo: — Sessenta?
O medico: — Não: setenta!...

★ ★ ★

— Mama, porque razão os percevejos são chatos?
— Porque nos deitamos todas as noites sobre eles, filho!

★ ★ ★

No restaurant:
O freguês: — Não te parece que a gorjeta é uma coisa humilhante?
O creado: — Sim... quando ela é pequena...

★ ★ ★

Entre amigos:
— Tenho muita pena do Antunes.
— Porquê?
— Porque passou metade da vida a aprender linguas e a mulher, agora, não lhe deixa pronunciar uma palavra...

★ ★ ★

O 1.º operario: — Porque não aderés á greve?
O 2.º operario: — Por sete razões!
O primeiro: — Quais são?
O segundo: — Mulher e seis filhos...

★ ★ ★

Confissão entre amigos:
— Quando a beije cheirava a tabaco!
— Mas tu importas-te que uma mulher fume?
— Não: mas é que ela não fuma...



— Venha cá; aqui estará em socorro; não tenho mais hospedes...

Compra difícil

— Meu amor, compra-me uns sapatos! Compras?

O Horacio, porque esta pergunta tão terna era dirigida ao Horacio, não estava muito disposto a comprar os sapatinhos á menina e retorquia-lhe muito mansamente:
— Oh! minha filha, mas tu tens já tantos pares, para que queres mais?

— Mas eu quero mais um par! E a boa da menina acompanhava tudo isto com muitos gestos, muitos abraços e muitos beijos.

O Horacio, no entanto, como não descendia da raça dos facilmente comovíveis, não estava lá muito pelos ajustes.

A pequena insistia e o nosso bom amigo já muito vagamente resistia. Mais um assalto, mais umas festas, e o pobre do Horacio não teve outro remedio senão dizer que sim. E, como premio, o bom do Horacio levou muitos beijinhos na boca do estomago.

★ ★ ★

Estão ja na Baixa, a percorrer todas as sapatarias. A perola das meninas não havia sapatos que lhe servissem.

Foi a uma, foi a outra, a outra ainda e não houve sapatarias em que o Horacio e a Ernestina (ela chama-se Ernestina) não entrassem.

— Oh! filha! — clamava o Horacio, mas num oh filha! todo em voz de baixo, o mais cantante que se possa arranjar. — Tu nunca mais escolhes o calçado.

— O que é que tu queres? Não vêes que ainda não encontrei calçado que me satisfizesse?!

— Mas que calçado queres?
— Quero Atlas! Para mim, o calçado Atlas é o melhor que ha.

— Oh! filha, tambem para mim! — explicava o Horacio, já com uma voz muito menos de baixo cantante. — Mas se não encontras esse, porque não escolhe outro?

— Não quero, já te disse que só quero uns sapatos da marca Atlas. E escusas de massar.

— Oh! filha! — voltou a murmurar o Horacio, com uma vozinha já mesmo nada de aixo cantante. — Mas se não encontrares, que remedio tens tu?

Nova volta pelas sapatarias, novas escolhas, e nada. Não havia calçado que servisse, sapatos que servissem á perola da Ernestina. Ela tinha um pé tão mimoso que na propria casa depositaria do calçado Atlas não havia sapatos que lhe servissem.

A espaços, o pobresinho dizia já com uma voz bastante de soprano:
— Oh! filha! Compra de outra marca!

— Não quero. Só quero Atlas. E zaz! Novo passeio. Nova peregrinação ás sapatarias.

O desgraçado Horacio já não podia mais e desta vez, com voz de baritono, bradou:

— Oh! filha, tu tambem nem Atlas nem desatlas.

FERNANDO D'AVILA.

Sortes grandes?

só o PINA se vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

UMA EMPREZA

Ha uns bons vinte anos, quando houve variadissimas scenas com as celebres chinezas que tiravam bichinhos do olho a toda a gente, claro á que deixava, mestre Chico, rapaz barrigudo que celebre se tornou pela sua demasiada elegancia e pelas suas gargalhadas de cristofle, parava no Rossio, esperando certa dama que ao dentista ia, dia sim, dia não, conforme o dr. Espevitador lhe indicava.

O bom do nosso Chico, a quem desde pequeno lá no bairro chamavam o «Verdadeiro Vulcão», arrastava a aza á tambem boa da D. Conceição, que andava apaixonada por um titular alcunhado de «Caça Minas», que procurava ha longo tempo um casamento rico.

D. Conceição, cheia de saliencias, ao chegar á porta do dentista, tinha ali o «Vulcão» que, ao vê-la, biologicamente lhe arriou uma daquelas chapeladas de aito lá com o charuto, ao mesmo tempo que uma rapariguita, que vendia alfinetes de dama e peças de nastro branco, chamava a D. Conceição e lhe dizia:

— Minha senhora, v. ex.ª tem cuspo no vestido!

— Eu? — exclamou a sedutora dama.

— Sim, senhora.

E, ao mesmo tempo, a rapariga rapava do seu, dela, lençinho e limpava a cuspidela ue a dama trazia no vestido de veludo e que dava um certo ar de graça, pois ao longe fazia o efeito de uma comenda.

Irritada, a pobre senhora, que tinha feito a estreia do rico vestido no dia do seu vigesimo quinto aniversario, assoprou três vezes e, abrindo a mala, gratificou a pequena com uma moeda de «lépes», que naquele tempo valia alguma coisa.

Numa sexta-feira de Paixão, o nosso «Verdadeiro Vulcão» (Cima e é verdade) vinha dos sitios da Rotunda e calhou passar-lhe perto a rechonchuda Conceição, que trazia dependurado no seu braço o «Caça Minas».

«Vulcão», escamado como um bezugo e cheio de ciume, deitou sobre o casal um olhar, como o de carneiro mal morto, salvo seja, e a Conceição logo ficou inquieta, receando uma scena de ciumes.

Meteu-se num taxi o «Vulcão». — Chauffeur! Rua Ferregial, n.º 38, 5.º

— Ao quinto não posso subir! Arrependeu-se e mandou seguir para o Rossio, porta do dentista.

E esperou, a vêr se vinha a D. Conceição e, enquanto esperava, notou que na pequena se aborçara de uma dama que passava de momento e percebeu que lhe comunicava que levava alguma coisa de extraordinario no vestido.

Viu a rapariga a fazer nova limpeza, houve nova gorjeta, e o «Vulcão» reconheceu que era a mesma que vendia nastro branco e alfinetes.

Avistou ao longe D. Conceição, que já vinha só, e preparou-se para uma chapelada de metro e terça, fóra o pescoço, e qual na. é o seu espanto quando vê que a celebre rapariga, depois de collocar na boca quasi um decilitro de cuspo, o depositou no magestoso vestido de D. Conceição.

«Vulcão», irritado, deu dois pulos ao alto e disse:

— Senhora! Já vi tudo...

Chamou um policia e lá foi tudo de escantilhão para um posto policial, onde desatou o «Verdadeiro Vulcão» a fazer um arraijal como aquele que os «Pelles Vermelhas» fizeram no posto policial de Badajoz.

Interrogada a rapariga, em breve tudo se descobriu.

Havia uma empresa que, no desejo de fomentar o turismo nas nações civilizadas, contratara uma serie de empregadas que sustentavam a empresa com as gorjetas que recebiam das pessoas em quem depositavam o incomodo liquido. A empresa não se governava doutra coisa e o seu maior rendimento eram os resultados dos escarrinhos na rua do Ouro, Rossio, Chiado e calçada do Combro.

O «chefe», que tudo reduziu a auto, averiguou que o director da empresa era um celebre titular «Caça Minas» que, com o «Buda» e o «Esqueleto Vaidoso», operava em Madrid, Paris e Lisboa.

A policia mandou em paz a rapariga, que viera da Argentina, e o seu gracioso nome de Suzana despertou o sabor do titular, que por ela se apaixonou, resolvendo os dois juntar os trapinhos, ao mesmo tempo que o «Verdadeiro Vulcão» se juntava com a D. Conceição, passando ambos a pessoas de cotação na sociedade moderna.

NICKLES.



— Não pode ser. É quando ele lhe é mais preciso.

TAC-TAC-TAC

Conheci-o numa pequena povoação dos arrabaldes de Lisboa, onde assisti algum tempo.

Era gordo e sorridente, todo cumprimentos para o forasteiro, farejando presa certa para o seu negocio de merceiro, em que, furtando em tudo e por todas as formas, grangeava fundos para, no fim de cada estação de veraneio, construir uma casa.

Espertalhão, disfarçando, sorna, em attitudes servis, a sua voracidade de raposa, a que só a covardia inata impedia de assaltar, á mé-cara, o transeunte, era o prototipo do malandrim saletio.

Desfazia-se em mrsuras, recatando no seu intimo a maldade dos seus instintos de javardo. Nos conluos nocturnos da taberna, achando côro na genoaica soez do poveado, desabaçava o seu despeito accucoso, despejando o veneno da sua alma em laldes de injurias sobre aquelles, ante os quaes, logo na manhã seguinte, iria rastejar como cão rafeiro, na ancia de es lograr nos preços das mercadorias que lhes impingia, falsificando pesos e medida.

Mas afivelara na cara aivar um ar sorridente de bom-homem, de pobre-diabo, com que intrujava facilmente os que, por seu natural feitio, se deixavam embiar pelas suas historias.

Foi assim que, numa tarde, me contou, em confidencia e com melancolia, a historia da sua mocidade insatisfeita.

— Vossa excellencia sabe? O que eu queria ser era pintor... Tinha uma grande geiteira — e da gente dizia. Até os amigos de meu pai lhe aconselhavam sempre: — «Homem, manda o Valerio para a escola de pintor, que o rapaz tem habilidade».

«Mas o meu pai teimou em fazer de mim um negociante... estou nisto, com uma grande paixão por não ser pintor...»

— Gostava então mais — perguntei-lhe eu — de pintar portas e taboetas do que vender assucar aos quilos de 925 gramas?

Ele sorriu contrafeito e respondeu:

— Não era para pintar portas que eu queria estudar; era para fazer quadros.

— Isso, agora, é outra especie de bertoeja! Então o sr. Valerio desenha, não é verdade?

— Desenho, sim, senhor. E ainda

hoje, quando tenho vagar, pinto alguma coisa.

— Ha de mostrar-me, um dia, os seus desenhos — conclui. E, já tendendo á simpatia que me inspirava aquella vocação contrariada, que transformara talvez um novo Giôto em mercante de secos e molhados, levei-o a ver alguns quadros que ornamentavam as paredes da minha casa.

Valerio pasmoou maravilhado ante essas pinturas e desenhos e ingenuamente perguntou-me:

— Mas isto é tirado do natural ou é copiado d'outros quadros?

— Hon'essa! Então eu não lhe disse os nomes dos autores? Os artistas não copiam quadros; só pintam directamente da Natureza.

— Sim, já ouvi dizer; mas não sabia que estes eram verdadeiros...

Ele, sobre isto, fol-se, bambo-leando a cabeça em fórma de gila madura; e eu fiquei já muito desconfiado daquela vocação contrariada.

No entretanto, pensava eu em Trujillo e no successo que o seu brusco aparecimento obteve em Paris.

Tudo pode ser neste mundo de Cristo...

E que grande acontecimento artistico não seria eu vir descobrir no fundo do balcão duma mercearia de aldeia um ignorado criador de beleza?!

Resolvi por isso conhecer alguns desenhos do esperançoso Valerio. Ele negou-se com persistencia a mostrar-me os seus estudos e habilidades.

Um dia, porém, entrando na locanda e tendo perguntado por ele, respondeu-me a mulher:

— Está lá dentro, entretido, parece que a pintar. E' a mania dele.

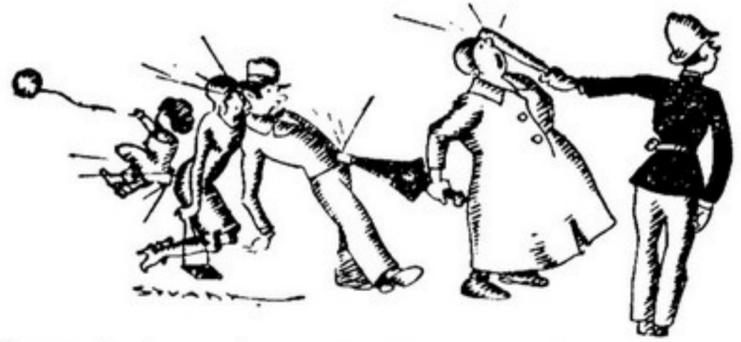
Não resisti á tentação. Despedi-me e, pressuroso, dei a volta pelas trazerras da casa, entrando no pequeno pateo que com ela comunicava.

Foi então que se me revelou o autentico Valerio-pintor. Pela porta entreaberta, vi-o, curvado, todo entregue á sua obra. Fazia escuro; para afirmar-me, penetrei e aproximei-me, devagarinho. Efectivamente pintava. O artista ignorado, empunhando um pequeno pincel, pintava com anilina uma longa fila de chouriços que destinava aos seus infelizes fregueses.

CIRANO DE VELHOFAC.



— E a minha é especialista em pintar a cara.



— Que seria dos peões se não fossem os sinaleiros.

Como elas são... Elevador da Gloria

A D. Maria Luiza conseguiu, mercê dos negocios do marido, um senhor formado em loja de modas, arranjar um certo peculio. Não vá dizer-se que o diuheiro não foi arranjado honestamente, por isso que até se atribue ao sr. Anastacio aquella forma de vender fitas de seda a uma senhora conhecida:

— Quantos metros, então?

— Vinte...

E Anastacio começou a medir:

— Um... dois... três... quatro...

Quantos anos tem o seu filho mais novo?...

— Sete...

— Sete, anh! Oito... nove... dez...

onze... doze... E o mais velho...

Dezesete?!... Dezesete... Dezoito...

dezenove... vinte...

Pois com estes e outros negocios, o Anastacio amealhou uma fortuna regular. A D. Maria Luiza sentiu a tentação de comprar um automovel e, assim que o teve, deu em convidar contantemente as suas amigas para dar um passeio-sinho no «carro».

Pois, num dos ultimos domingos, a convite da D. Maria Luiza, deram grande passeio no automovel a sr. D. Palmira e o respectivo marido. Mas o diabo tece-as e, quando menos se esperava, o carro foi de encontro a uma arvore, ficando num estado lastimoso. Os passageiros saíram ilesos, mas começaram a discutir as culpas do desastre...

— Se o senhor não viesse a conversar comigo, — dizia o Anastacio para o marido da Palmira — já nada disto succedia...

Palavra puxa palavra, e o certo é que se envolveram em desordem... Os homens davam-se tapona e as mulheres gritavam furiosamente, doidamente. Até que veio um policia para acalmar os animos. Mas, porque estava na disposição de levar presos os contendores, a certa altura apanhou uma formidável dentada. Da D. Maria Luiza? Da D. Palmira? Não se sabe...

O caso foi para o Tribunal dos Pequenos Delitos.

Do exame directo, provava-se que a dentada fôra dada por aquela que tinha uma dentadura postica...

— Foi a senhora? — perguntou o juiz para uma.

— Não, sr. doutor.

— Então foi a senhora! — disse para a outra...

— Não, sr. doutor.

— Mas qual das duas tem a dentadura postica?...

— Eu não tenho...

— Nem eu...

— Bem! — tornou o juiz, dirigindo-se desta vez a um conhecido medico que assistia ao julgamento. — O sr. doutor faz favor de ver qual destas senhoras tem dentadura postica.

O medico avança. Manda abrir as bocas das acusadas e diz ao juiz, depois duma analise rapida e ante a hilaridade do tribunal:

— As duas, caro doutor... As duas...

No teatro:

O empregario: — Aqui tem um cigarro para fumar na scena do primeiro acto.

O artista: — Só um?

O empregario: — Caleulo que durará dez representações...

Primeiro interrogatorio na policia:

— Acusado, conhece esta chave?

— Não, sr. juiz!

Segundo interrogatorio, tambem na policia:

— Acusado, conhece esta chave?

— Sim, senhor!

— Ah! então confessa?

— Claro que a conheço! Mostrou-m'a ontem o sr. juiz...

Entre amigos:

— Ehtão o medico acertou com o que tu tinhas?

— Quasi! Eu tinha cento e vinte escudos e ele levou-me cem...

O marido: — O teu vestido tão curto e tão decotado faz-me sorrir...

A mulher: — Talvez não te sorrias quando tiveres que o pagar...

No tribunal:

O juiz: — E' verdade que foi encontrado a altas horas bastante embriagado?

O réu: — E' verdade, sr. juiz!

O juiz: — Está bem! Mas então porque se embriagou?

O réu: — Porque bebi demais, sr. juiz!

A mãe: — Quando nasceu o teu irmãozinho só tinhas dois anos.

O peiz: — E quando nasceu o avô, quantos anos tinhas, mamã?

O marido: — Antonia, porque é que serviste ao jantar só cascas de ostras?

A mulher: — Porque o livro de cosinha que me compraste recommenda que se esvasiem cuidadosamente todos os peixes antes de cosê-los!...



— Sabe que hora é, minha tia?
— Ora pro nobis...

Cacharolete O 1.º de Abril Versalhada

O sr. Briand falou no Senado
francês sobre o acordo austro-ger-
mânico

(Das jornais)

Teimando em sua utopia,
Briand, poeta fecundo,
Continua co'a mania,
Tão cheia de simpatia,
De fazer a paz no mundo,

Ponderado como ele é,
Teme qualquer artimanha,
E apesar da boa fé,
O homem não val até
Onde quer ir a Alemanha.

Mas propõe em seu lirismo
Que a paz se faça na Terra,
E em seu humanitarismo
Teme o novo cataclismo
De qualquer futura guerra.

O pensamento teimoso
Que lhe não sai da cabeça,
E' que o canhão temeroso
Se torne silencioso,
P'ra todo o sempre emudeça.

Manda calar o canhão
Em seu trovar de poeta,
Mas também, por precaução,
E, pelo sim pelo não,
Manda calar a baioneta.

JOAO FERNANDES.

Muito bem, «seu» Patacão,
fez bem em sair á lica,
contra a grande exploração
do leite e da hortaliça.

A erva é do hortelão
e é comida pela vaca,
que a vai transformar em leite,
e após grande trabalhão,
o desgraçado não saca
dinheiro que se aproveite.

Entre a vaca, o produtor
e mais o consumidor,
ha um bicho extraordinario:
— Não tem hortas nem currais,
mas é o que ganha mais:
— o tal «intermediario».

Venham, pois, camionetas
trazer o leite das telas
das vacas para a cidade!
Muito bem, «seu» Patacão,
venha um aperto de mão,
em nome da sociedade!

Os tomates e a nabieia,
mais a restante hortaliça,
e o leite que as vacas dão,
graças a um homem de fibra,
vão deixar de ser de libra:
passarão a ser... patacão.

As pobres consumidoras
pedem, com razão, «scaicadas»,
que estas frases sedutoras
não sejam... «patacoadas».

o homem dos TIMBALES

Para trincar uma bucha
e saber preços, etc.,
em bela pensão de estucha
certo suicido penetra.

Afirma logo a patrão,
que é rija e sã como um pêro:
«— Aquil a comida é boa,
é feita com bom tempero.

Ao almoço são três pratos,
ao jantar, quatro e mais sopa;
os preços, os mais caros,
e também se lava a roupa.

Sem vinho, são só tresentos,
mais barato não ha;
com vinho são quatrocentos
que o comensal pagar...

«— Diga-me o preço, afinal,
(acorda o freguês trançado)
não quero ser comensal,
eu quero ser... codlaro»...

ANTONIO AMARGO.

Um diario de Lisboa abriu, entre
os seus redactores, concurso para
a «galga» a publicar no 1.º de
Abril.

A «galga» premiada já os leitores
a conhecem, porque foi publica-
da... As outras, damo-las hoje, in-
editas e para recreio dos leitores do
Sempre Fixe:

Charlot é português

Charles Chaplin — diz *Paris Soir*
— confessou a um jornalista fran-
cês a sua verdadeira nacionalidade,
até hoje disputada pelos ingleses,
que afirmam ter o celebre Charlot
nascido nos bairros populares de
Londres, e pelos espanhóis, que as-
seguram ter sido nos bairros «ba-
jos» de Madrid que o genio do ci-
nema primeiro viu a luz.

Charles Chaplin — pasmem e
alegrem-se os cinefilos patriotas —
confessou ao feliz jornalista fran-
cês seu confidente ter nascido na
rua de Passos Manoel, em Lisboa,
a 8 de Junho de 1890, data que se
nos afigura extremamente vanta-
josa para a idade que ele aparenta.

Conta Charles Chaplin que a sua
infancia decorreu num jardim si-
tuado proximo da sua casa (deve
ser o Jardim Constantino) e que,
aos doze anos, fugiu de casa para
embarcar num veleiro que ia pes-
car bacalhau para a Terra Nova.

Foi na Terra Nova que, tendo
saído para a pesca num pequeno
barco, naufragou e foi recolhido
por um vapor americano, que o
desembarcou em Nova York.

Depois, seguiu-se um periodo de
vagabundagem que termina com a
aparição do cinema e a estreia e
revelação do grande comico do si-
lencio.

Mas — e esta revelação não tem
menor interesse — em Portugal
deixou Charles Chaplin — cujo
verdadeiro nome é Carlos Chaves —
o autor dos seus dias, viuvo porque
a mãe de Carlitos morreu ao dá-lo
à luz.

E é com alvoroçado carinho filial
que o chamado Charles Chaplin
agora vem a Portugal procurar o
pai que abandonou ao embarcar
para a Terra Nova.

Verá o nosso genial patricio rea-
lizado o seu simpatico proposito, e
viverá ainda o pai que procura?

Afigura-se-nos que não, pois se
vivesse já teria descoberto aos as-
feições do celebre Charlot traco-
do filho desaparecido, ainda que
caiba a natural suposição deste es-
tar desfigurado pelos anos e pelo
classico bigodinho, que não é dele,
mas sim postico.

Mas, se ainda vive, quem é o pai
de Charlot? Quem é o pai da
creança desaparecida que, no mês
de Junho do ano de 1890, nasceu
na rua de Passos Manoel, á Estefa-
nia?

Ouro no Parque Eduardo VII

Ja de ha muito se estranhava a
permanencia, no Parque Eduardo
VII, de dois estrangeiros, que se
entregavam a demoradas pesqui-
zas.

Afinal, veio a averiguar-se, devi-
do a um telegrama que um deles
enviou a um conhecido banqueiro
francês, que no referido Parque

existe um filão aurifero de grande
valor.

Logo que tomou conhecimento
do facto, a Camara Municipal
mandou vigiar rigorosamente o lo-
cal onde foram descobertas as
areias auríferas.

O caso de «El gordo»

Segundo informação absoluta-
mente segura, acha-se completa-
mente esclarecido o misterio dos
20.000 contos da lotaria espanhola,
resumindo-se o caso no seguinte:

O sr. Alberto Patricio tinha co-
metido a imprudencia de trazer
para Portugal o bilhete que foi
premiado e, apenas a noticia veio
a publico, a guarda fiscal pôs-se
em campo para o apreender, visto
ser considerada contrabando a in-
trodução de loteria estrangeira no
pais. E eis tudo. Desviadas as aten-
ções, o sr. Alberto Patricio passou
para Espanha com o bilhete, re-
cebeu os 20.000 contos (aliás
18.000) e deve chegar hoje a Lis-
boa, no comboio da noite, com to-
da a tranquillidade, porque a en-
trada do dinheiro ainda não é con-
siderada contrabando.

Sabemos tambem que o sr. Pa-
tricio contemplou já dez dos seus
amigos mais intimos com 200 con-
tos cada um.

Um cometa visível em Lisboa

Às 10 horas da noite, passará
em Lisboa, no céu, o cometa de
Harlem. Este cometa, que ha sete
anos não se aproxima tanto da
terra, é perigosissimo. Os sabios
preveem que a sua cauda tocará
na terra, desfazendo-a.

O cometa será visível em toda a
cidade: uma mancha incendiada.
Filiar-se-ha o fenomeno no terra-
moto de Nicaragua?

Fatos e calçado baratos

Atracou esta manhã no cais de
Alcantara um paquete alemão com
um carregamento de 20.000 pares
de calçado e vinte mil fatos, para
serem vendidos ao publico por pre-
ços bastante reduzidos.

Esta noticia correu immediata-
mente pela cidade, tendo varias
pessoas aproveitado o ensejo que
se lhes proporcionava para irem
comprar calçado e fatos. Vende-
ram-se botas para homem a 20\$00
e bons fatos a 60\$00. O pessoal de
bordo não teve mãos a medir, tal
era a affluencia de clientes.

Telegramas do estrangeiro

BERLIM, 1. — Está-se negocian-
do a entrega a Portugal, por conta
das reparações, do dirigivel
«Conde Zeppelin». — (R.)

PARIS, 1. — Ramon Franco de-
clarou que, em virtude da maneira
como o tem tratado em França,
resolveu voltar para Lisboa. — (C.)

BERLIM, 1. — Noticias recebidas
de bordo do «Conde Zeppelin», a
caminho de Sevilha, dizem que
passará hoje, ás 21 horas, sobre
Lisboa, fazendo demoradas evolu-
ções sobre a capital portuguesa. A
bordo segue o cineasta português
Artur Duarte, que está realizando
o filme «5 dias em balão». — (E.)



— João, João, o João engula 5 colheres!
— Ainda bem; dinheiro pucha dinheiro. Ainda ontem enguliu
de uma libra!

I

Anda tudo entusiasmado,
Discutindo ai em côro,
Onde é que o filme falado
Difer' do mudo passado
E do recente sonoro!...
— Pois a ti, leitor amigo,
Eu posso já declarar
Que, em poucas linhas, consig-
ue tu concordes comigo...
Basta-me exemplificar:

II

Supõe que vais p'r'o Central
E que a Sorte te destina
um lugar, junto do qual
Vem sentar-se, por seu mal,
A mais galante menina;
Supõe mesmo que, a tremor,
O teu pé, a mão... e tudo
Juntam-se aos dela sem qu'rer.
— Se ela nada te disser,
Já sabes — o filme é MUDO!

III

Mas se vais ao Tivoli
E a teu lado vem sentar-se
Uma Lulu ou Fifi,
Co'a respectiva titi,
Ou qualquer outro disfarce,
Toma tento, põe-te alerta
Porque a velha é muito esperta,
E não seas apressado.
E se vê, tens pela certa
Um grande filme FALADO!

IV

Se a madureza te der
Para no Condes entrares,
Olha — com olhos de ver —
O lugar que has de escolher,
Para depois te sentares...
Porque se acaso um marido
Vê que te falta o decôro,
Isso é caso já sabido.
Ha sopapo e alarido...
E então o filme é SONORO!

A. ESSE (filho).

Dona Teresa de Tal,
Fidalga de Portugal,
E' da mais fina nobresa;
Tem sangue azul e do puro,
De lança erguida eu vos juro:
— Dona Teresa é marquesa!

Das suas mãos transcendentes,
Finas, brancas, reverentes,
Transparecem fiosinhos
Muilo azuls da côr do céu;
Nada de sangue plebeu...
São veias com pergaminhos!

A marquesa é quarentona,
mas cãe, nada matrona
Tudo nela é de bom tom;
Ouro de lei, do mais velho.
Tem grande horror ao vermelho...
Só tolera o do beton.

Sentiu-se um dia nervosa,
E ao seu leito côr de rosa
Mandou chamar o doutor,
Aquela eterna enxaqueca
Era levada da breca...
Mas que será? Que pavôr!

Acudiu logo á chamada,
Com a cabeça alarmada,
O doutor, todo pronostico;
Tomou-lhe de leve o pulso
Fitou-lhe o peito convulso
E fez-lhe o diagnostic

Depois, com certa impressão,
Toma a seringa na mão
E pica a veia á marquesa.
Jorrou o sangue... Encarnado!
Mas era azul? Ter mudado
Não é descer, com certeza...

Não duvido, aqui vos juro
Que o sangue não seja puro,
Azul e branco ou púrpuro.
Quasi não, no seu lar,
A marquesa anda a tomar
Cianeto de mercurio.

NET DO PARNASSO

Quer a Sorte grande?
Habite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

ECOS DA SEMANA

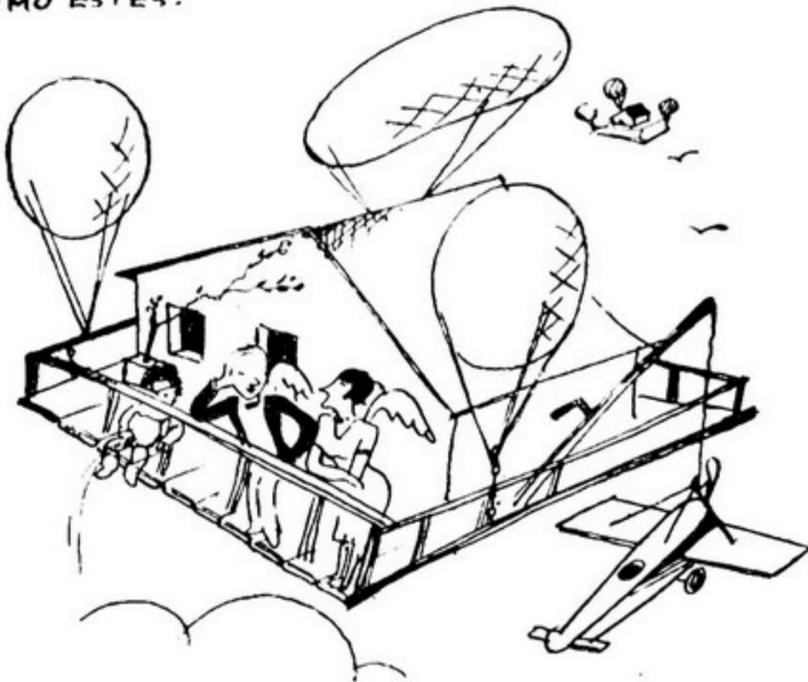
O DR. AGOSTINHO, AGOSTINHO DO PÚBLICO CONTINUA A PASSAR MULHERES FINAS E GROSSAS, A FIEIRA.



AGORA, ALEM DO PERIGO DO DESCARRILAMENTO, LAMENTO QUE A C.P. ARRANJASSE MAIS ESTE



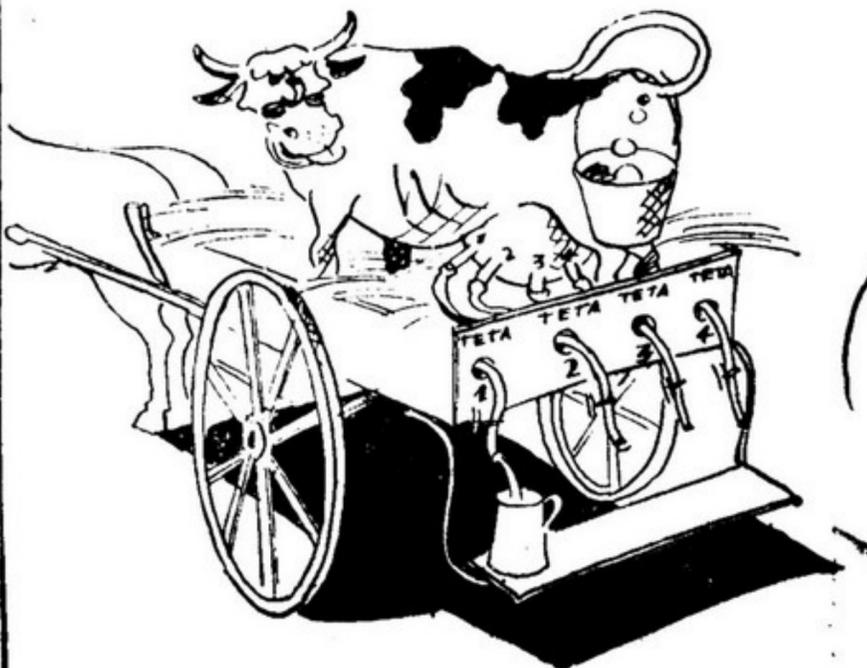
SE A TERRA CONTINUA ASSIM A TREMER O MELHOR É RASPAR-MOS NOS LA' PARA CIMA, COMO ÊSTES.



POR UM TUBO QUE VAI AO TELHADO, ON DE HA UM DEPOSITO DE TABACOS DE VARIAS QUALIDADES, OS CINEFILOS DE S. LUIZ PODERAO CONTINUAR AS FUMAÇAS



BREVEMENTE LEITE A PATACO O LITRO DO SENHOR PATACAO COM A ORIGEM A' PORTA.



AO QUE PARECE A "EQUIPE" PORTUGUESA LEVOU NO "HOCKEY" MAS COM HONRA. PARABENS AOS "OQUISTAS"

